

3º DOMINGO NO ADVENTO

TEXTO: ISAÍAS 61.1-4; 8-11.

1. Nota introdutória

Liturgicamente, estamos na semana do Terceiro Domingo no Advento aguardando a Vinda do Menino-Deus com muita expectativa, alegria, luz e esplendor. Agora, imagine um mundo frio e impassível diante da dor e do sofrimento humano. Mundo em que a vida gira em torno do lucro e da ganância apenas. Muita gente desumanizada. Um mundo em que não há liturgias, orações, hinos ou sermões. Onde é esse mundo? No lugar onde mora Isaías: Jerusalém. O profeta descreve esse mundo obscuro nos capítulos 56-66. Mas, qual a causa dessa situação?

2. Contexto de Isaías

Os líderes “não mantêm direito nem praticam a justiça” (56.1); atalaias que são chamados de “animais do campo” (56.9) e “cães” (56.10-11) muito mais interessados na próxima festa do que nas advertências do SENHOR (56.12). Cercado por essa liderança pobre bem como por uma facção idólatra (57.3-13a), a comunidade precisa ser ainda confrontada com a sua própria rebelião e pecado. Substituem a mecanicidade do jejum pela ausência de fé (58.3-7). O resultado: violência (58.4), escravidão (58.9), acusações (58.9), difamação (58.9).

O clímax dessa realidade está descrito de maneira pungente por Isaías no capítulo 59, com certeza um dos capítulos mais tristes e funestos na Bíblia. Termos que descrevem escuridão e morte aparecem 17 vezes nos primeiros 8 versículos. Justiça e salvação estão muito distantes e Deus fica aterrorizado porque não via ninguém que intervisse (59.16). Jerusalém jazia em completa e densa escuridão.

Mas Deus fala na escuridão! “Levanta-te, resplandece porque vem a tua luz” (60.1). O cap. 60 de Isaías é um fantástico show de luzes. Só neste capítulo a palavra luz aparece 7 vezes. E há outros termos relacionados como: “resplandece” (60.1); “resplendente” (60.2); “resplendor” (60.3); “radiante” (60.5); “gloriosa” (60.7); “glória” (60.1, 2, 13, 15); “sol” (60.19, 20); e “lua” (60.19, 20). É um show de luzes. Luzes de Advento que informam e antecipam que a maior delas está por vir em 61.1-4.

3. O Ungido

O unguido de 61.1-4 vem para inaugurar o Jubileu eterno de Yahweh para o povo de Deus, em hebraico, os *anavim*. Ele afirma “O SENHOR me ungiu para pregar boas-novas aos quebrantados (*anavim*)” (61.1). Nos versículos seguintes estes quebrantados são também chamados de pobres, cativos, prisioneiros. O profeta os descreve como os que choram e lamentam sentados sobre cinzas, com espírito angustiado.

No Antigo Testamento, os *anavim* com frequência aparecem no mesmo contexto dos pobres (Am 2.7; 8.4). O termo é sinônimo de dureza, tormento, dor e desespero. Revela a escuridão da experiência humana, o lado sombrio da vida. Mas “Yahweh vê a aflição deles” (Gn 29.32; Êx 3.7; Sl 119.153). Eles recebem proteção especial de Yahweh (Is 11.4; 26.6; Sf 3.12).

As promessas do Jubileu movem tais pessoas das trevas para a luz, da escravidão para a liberdade, da cegueira para a visão; da miséria para a vida em abundância.

A leitura no contexto parece indicar que é Isaías quem está falando. “O SENHOR me enviou” parece confirmar que Deus ouviu o oferecimento do profeta: “Eis-me aqui, envia-me a mim!” (Is 6.8). Mas há sólidos motivos para se acreditar que Isaías está falando de alguém outro. Em primeiro lugar, apenas reis (1Sm 10.1, 6; 16.13; 2Rs 9.3) e sacerdotes (Êx 28.41; 40.13) são ungidos em Israel. Segundo, no seu livro Isaías não fala muito de si mesmo na primeira pessoa. Terceiro, o Servo Sofredor sim, fala muito de si mesmo na primeira pessoa em Is 48.16; 49.1-6; 50.4-9. Conclui-se, pois, que o Servo Sofredor é também quem fala em 63.1-4.

Visto que quem fala em 61.1-4 é sinônimo do Servo Sofredor, isto significa apenas uma coisa: o Ungido em 61.1-4 é Jesus. Se pode ver também que conexões trinitárias estão bem evidentes – o Senhor Yahweh é o Pai, o Espírito é o Espírito Santo e Jesus é quem fala. (Esta interpretação é confirmada pela aplicação que Jesus faz de 61.1-4 em Lucas 4.18-19). A esse respeito, Martinho Lutero escreve: “No capítulo anterior [Isaías 60] ouvimos a profecia com respeito ao Reino de Cristo e ao reino da Igreja. E de como ele se multiplica por meio da Palavra e do Espírito. Agora o profeta começa a descrever a Cabeça do Reino”. Tecnicamente, podemos chamar este capítulo como o Quinto Cântico do Servo.

Empoderado pelo Espírito Santo, este Servo fala de Yahweh: “Ele me ungiu para pregar o Evangelho aos pobres (*anavim*). Seu ministério aos *anavim* é descrito com nada menos que 7 infinitivos construtos: para curar, proclamar (duas vezes), abrir, consolar, pôr, dar. Assim como 61.1-3 está no centro dos capítulos 56-66, aquele que promove o Jubileu está no centro do Quinto Cântico do Servo.

O ano da misericórdia de Yahweh é sinônimo do Jubileu de Israel, articulado em Levítico 25. Este capítulo coloca o fundamento da obra misericordiosa do Servo em Isaías. Yahweh ordenou a seu povo que guardasse o Sábado *semanal* – liberdade por um dia (Êx 20.8); o Sábado do *sétimo ano* – liberdade por um ano (Êx 23.10-11); e assim também o “Sábado dos Sábados” – o Jubileu, liberdade por um ano de tudo o que aprisiona, algema e escraviza (Lv 25). O Jubileu é o presente de Deus para o povo afligido, os *anavim* – eles estão livres!

No Pentateuco, o descanso do Sábado começa com o SENHOR (Gn 2.1-3), é estendido a Israel (Êx 20.11), implica culto (Lv 23.3), abrange animais (Êx 2.10; 23.12; Dt 5.14) e até mesmo o solo (Lv. 25.4, 11). O Jubileu proclama liberdade não apenas aos israelitas (Lv. 25.15) como também aos estrangeiros ((Lv 25.40).

O Jubileu era anunciado no Dia da Expição (Lv. 25.9) e isto tem um significado. Cancelar as dívidas dos irmãos israelitas fluía do cancelamento das dívidas espirituais da parte de Deus. Justiça social e econômica fluem da misericórdia divina. Nessa linha, o profeta enfatiza um desdobramento perene no anúncio do Jubileu. Há um reverso que se estabelece. No texto parece que os aflitos estão vestidos para um funeral. Parece que estão usando cinzas e chorando a perda de um ente querido. Mas, as roupas de luto serão transformadas em vestimentas nupciais. O que lamenta com cinzas sobre a cabeça e se acha vestido de panos de saco será convidado de festa, perfumado com óleos caros e adornado com manto de louvor. O Jubileu reverte nossa vida e nossa experiência.

Para concluir: O Ano do Jubileu para os aflitos e desesperados, primeiro articulado por Moisés em Levítico 25, anunciado por Isaías, proclamado por Jesus, continua hoje. Onde quer que o evangelho seja pregado e os sacramentos administrados, ali Jesus está libertando pessoas do jugo e das algemas do pecado que continuamente angustiam e desesperam. Nas águas do nosso batismo Jesus nos transporta do inferno ao céu, do vazio para a plenitude, da morte para a vida. No seu

evangelho Jesus continua a nos mover das trevas para o resplendor, da escravidão para a liberdade. Nele estamos em nova vida - perdoada, livre, e para sempre.

Sugestão de tema: Jesus é o nosso Jubileu: somos livres.

Rev. Professor Acir Raymann